

ANNA FUNDER

Tudo o que sou

Romance

Tradução

Luiz A. Araújo

Sara Grünhagen



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2011 by Anna Funder
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
All that I am

Capa
julia.co.uk

Foto de capa
<?>

Preparação
Ciça Caropreso

Revisão
Thaís Totino Richter
Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Funder, Anna

Tudo o que sou / Anna Funder ; tradução Luiz A. Araújo, Sara
Grünhagen — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: All that I am.

ISBN 978-85-359-2358-2

1. Ficção inglesa I. Título.

13-10819

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Quando Hitler chegou ao poder, eu estava no banho. Nosso apartamento ficava na Schiffbauerdamm, perto do rio, bem no centro de Berlim. Pelas janelas, víamos a cúpula do prédio do Parlamento. Na sala, o rádio tocava em alto volume, para que Hans o ouvisse da cozinha, mas a única coisa que me chegava eram ondas de alegres aplausos, como num jogo de futebol. Era uma tarde de segunda-feira.

Hans estava fazendo suco de limão e calda de açúcar com a dedicada atenção de um químico, procurando evitar que a calda passasse do ponto e caramelizasse. Naquela manhã, ele havia comprado um pilão de coquetel especial, latino-americano, na loja de departamentos KADEWE. A balconista tinha os lábios pintados de modo a formar um arco encarnado. Eu ri de nós, constrangida por comprar semelhante bugiganga, uma haste de madeira com cabeça redonda que provavelmente custava o que a garota ganhava por dia.

“Que loucura”, eu disse, “ter um utensílio só para fazer *mojito!*”

Hans passou o braço pelos meus ombros e beijou minha testa. “Não é loucura.” Piscou para a moça, que estava embrulhando cuidadosamente a coisa em papel dourado, escutando com atenção. “Isso se chama ci-vi-li-za-ção.”

Momentaneamente, eu o vi pelos olhos dela: um homem magnífico, cabelo penteado para trás, olhos azul da Prússia e o nariz mais reto do mundo. Um homem que provavelmente lutara nas trincheiras por seu país e que agora merecia todos os pequenos luxos que a vida podia oferecer. A vendedora respirava pela boca. Um homem desses podia tornar a vida da gente linda em todos os detalhes, até mesmo num pilão de limão latino-americano.

Fomos para a cama naquela tarde e estávamos nos levantando à noite quando a transmissão começou. Entre as ovações, eu ouvia Hans esmagar a casca de limão no mesmo ritmo do batimento de seu sangue. O meu flutuava, fraco, pelo prazer consumado.

Ele apareceu à porta do banheiro, uma mecha de cabelo na testa, as mãos molhadas junto ao corpo. “Hindenburg acabou cedendo. Eles formaram uma coalizão e o nomearam. Hitler é chanceler!” Voltou às pressas para o corredor a fim de ouvir mais.

Parecia tão improvável. Peguei o roupão e fui para a sala, deixando um rastro de água. A voz do locutor vibrava de entusiasmo. “Soubemos que o novo chanceler vai aparecer ainda esta tarde, que está no prédio enquanto falamos! A multidão espera. Começou a nevar um pouco, mas ninguém aqui faz menção de ir embora...” Dava para ouvir a vibração da cantoria nas ruas próximas do nosso prédio e os dizeres dela pelo rádio atrás de mim. “Nós — queremos — o chanceler! Nós — queremos — o chanceler!” O locutor prosseguiu: “... estão abrindo a porta da varanda — não — é apenas um funcionário — mas sim! Ele está colocando um microfone junto ao parapeito... escutem só a multidão...”

Eu me aproximei das janelas. Todo o lado sul do apartamento era uma parede curva de caixilhos duplos de frente para o

rio. Abri uma delas. O ar entrou precipitadamente — frio e carregado de rumores. Olhei para a cúpula do Reichstag. O burburinho vinha da Chancelaria atrás dela.

“Ruth!”, disse Hans no centro da sala. “Está *nevando*.”

“Eu quero ouvir direto dali.”

Ele se colocou atrás de mim e pousou as mãos úmidas e ácidas na minha barriga. Um grupo avançado de flocos de neve rodopiou à nossa frente, revelando remoinhos ocultos no ar. Os holofotes acariciavam o ventre das nuvens. Passos lá embaixo. Quatro homens passaram correndo pela nossa rua, segurando tochas erguidas e chamas inclinadas. Senti cheiro de querosene.

“Nós — queremos — o chanceler!” Ao longe, a massa cantava para ser salva. Atrás de nós, no aparador, a reação ecoou no rádio, metálica, mansa e com três segundos de atraso.

Em seguida, uma grande ovação. Era a voz do líder deles, aos berros. “A missão que nos aguarda. É a mais difícil de todas. Para os estadistas alemães de que o homem se recorda. Todas as classes e todos os indivíduos devem nos ajudar. A formar. O novo Reich. A Alemanha não pode, não vai, afundar no caos do comunismo.”

“Não”, disse eu, a face colada ao ombro de Hans. “Vamos afundar numa saudável mentalidade nacional-populista e de maneira organizada.”

“Nós não vamos afundar, Ruthie”, sussurrou ele ao meu ouvido. “Hitler não conseguirá fazer nada. Os nacionalistas e o gabinete vão mantê-lo na rédea curta. Só o querem como testa de ferro.”

Rapazes se aglomeravam nas ruas lá embaixo, muitos deles uniformizados: as tropas do partido usavam pardo; as da guarda pessoal de Hitler, a ss, preto. Os outros eram entusiastas leigos à paisana, exibiam a braçadeira preta. Dois garotos a tinham feito em casa, com a suástica invertida. Levavam bandeiras, cantando “*Deutschland, Deutschland über alles*”. Ouvi um grito: “A repú-

blica é uma merda”, e distingui, pela entonação, a antiga provocação dos pátios de escola — “Rasgue a saia da judia em duas/ a saia está rasgada/ a judia está cagada”. Vapores de querosene infestavam o ar. Do outro lado da rua, acabavam de montar uma banca em que os jovens podiam trocar as tochas quase apagadas por outras recém-acesas.

Hans voltou para a cozinha, mas eu não consegui arredar dali. Meia hora depois, vi as braçadeiras feitas em casa, amarrotadas, de volta às ruas.

“Eles os estão fazendo andar em círculos”, gritei. “Para dar a impressão de que são mais numerosos.”

“Venha para dentro”, gritou Hans, por cima do ombro, da cozinha.

“Você acredita?”

“Francamente, Ruthie.” Ele se encostou no batente da porta, sorrindo. “Uma espectadora só serve para estimulá-los.”

“Um minuto.” Fui até o closet no hall, que eu havia transformado em câmara escura. Ainda havia ali algumas vassouras e outras coisas compridas — esquis, um estandarte da universidade — num canto. Peguei a bandeira vermelha do movimento esquerdista e voltei.

“Você enlouqueceu?” Quando a desenrolei, Hans tapou o rosto com as mãos, fingindo-se horrorizado.

Pendurei-a na janela. Ela não era muito grande.

Ruth

“Lamento, sra. Becker, mas as notícias não são muito animadoras.”

Estou numa elegante clínica particular em Bondi Junction, com vista para o porto. O professor Melnikoff tem cabelo grisalho e óculos de leitura, gravata de seda azul-celeste, e está com as mãos compridas entrelaçadas na escrivaninha. Brinca de um jeito meio cômico com os polegares. Fico me perguntando se esse homem foi treinado para lidar com a pessoa situada abaixo do pedaço do corpo que lhe interessa, no caso, meu cérebro. Provavelmente não. Com toda essa tranquilidade, Melnikoff parece gostar de ter um enorme abismo entre si e os outros.

E esquadrinhou minha mente por dentro; está se preparando para me contar a forma, o tamanho e as sorrateiras traições dela. Na semana passada, enfiaram-me no aparelho de ressonância magnética, na horizontal e com aquela *verdamnte* camisola que não fecha atrás: concebida para nos lembrar de como é frágil a dignidade humana, para assegurar obediência às instruções e como garantia contra evasões de última hora. Rui-

dosos tique-taques enquanto os raios penetravam meu crânio. Não tirei a peruca.

“Na verdade, é *doutora* Becker”, digo. Fora da escola, nunca fiz questão do título. Mas a idade me ensinou que a humildade não me cai bem. Há dez anos decidi que não gostava de ser tratada como velha, por isso reassumi o uso cabal e feroz do honorífico. Afinal, não vim aqui em busca de consolo. Quero o resultado.

Melnikoff sorri, levanta-se e prende as imagens do meu cérebro, fotofatias minhas em preto e branco, no negatoscópio. Reparo num Miró — não uma reprodução — na parede. Faz muito tempo que socializaram o sistema de saúde aqui, e ele continua podendo se dar a esse luxo? Então não havia nada a temer, havia?

“Muito bem, dra. Becker, estas regiões azuladas indicam o início de uma formação de placas.”

“Desculpe, eu sou doutora em letras”, digo. “Inglês.”

“Até que a senhora não está mal. Para a sua idade.”

Faço a cara mais impassível de que sou capaz. Um neurologista, pelo menos, deveria saber que a idade não torna ninguém grato por essas pequenas clemências. Sinto-me suficientemente sã — suficientemente jovem — para viver uma perda como uma perda. Por outro lado, nada nem ninguém conseguiu me matar até agora.

Melnikoff retribui meu olhar com benevolência, os dedos juntos. Trata-me com uma paciência branda. Será que gosta de mim? A ideia me causa um pequeno choque.

“É o começo do déficit cognitivo — afasia, perda da memória recente, talvez distúrbio de certos aspectos da consciência espacial, a julgar pela localização das placas.” Ele aponta para densas regiões da parte superior do meu cérebro. “Possivelmente alguma consequência na sua visão, mas espero que não neste estágio.”

Há um calendário circular em sua mesa, objeto de uma época em que os dias despencavam uns sobre os outros sem parar. Atrás dele, o porto se move e fulgura, o enorme pulmão verde desta cidade.

“Na verdade, professor, eu ando tendo mais lembranças, não menos.”

Ele tira os óculos. Tem olhos miúdos e chorosos, as íris parecem não se ajustar ao branco. É mais velho do que eu pensava. “É mesmo?”

“Coisas que aconteceram. Claras como o dia.”

Um cheiro de querosene, inconfundível. Embora não possa ser real.

Melnikoff segura o queixo com o polegar e o indicador, me examinando.

“Há uma explicação clínica”, diz. “Algumas pesquisas sugerem que lembranças antigas mais vívidas emergem, enquanto a memória recente se deteriora. Por vezes, pessoas sob risco de perder a visão vivem epifenômenos intensos. São hipóteses, nada mais.”

“Quer dizer que o senhor não pode me ajudar?”

Ele sorri seu sorriso brando. “A senhora precisa de ajuda?”

Vou embora com uma consulta marcada para daqui a seis meses, fevereiro de 2002. Eles não as marcam muito próximas, para não desanimar os idosos, mas também não as espaçam demais.

Depois vou de ônibus à hidroterapia. É um ônibus cujo piso se abaixa até o chão, para pessoas incapacitadas como eu. Vou dos prédios rosados de Bondi Junction à cidade, ao longo do espigão com vista para o mar. Lá fora, uma rosela se banqueteia numa árvore de fogo, um par de tênis balança pendurado num fio elétrico. Atrás deles, a terra se dobra em morros que vão descendo até beijar aquele porto preguiçoso e vivo.

Sob risco de perder a visão. Antigamente minha vista era

ótima. Embora isso não tivesse nenhuma relação com o que eu via. Pelo que sei, é perfeitamente possível observar uma coisa acontecer sem enxergá-la.

A sessão de hidroterapia é na luxuosa piscina nova no centro da cidade. Como a maioria das coisas, a hidroterapia só funciona se acreditamos nela.

A água é morna, a temperatura meticulosamente calculada para não incomodar os diabéticos e os que usam marca-passo. Tenho um adesivo que coloco no peito todo dia. Ele envia uma corrente elétrica ao meu coração, para estimulá-lo quando fraqueja. Por experiências anteriores de um sereno desafio à morte, sei que ele continua funcionando debaixo d'água.

Hoje somos sete na piscina, quatro mulheres e três homens. Dois deles foram trazidos para a água em cadeiras de rodas, pela rampa, como num lançamento de navio. Seus cuidadores ficam flutuando em volta deles, as rodas daquelas coisas desajeitadamente inúteis na água. Estou no fundo, atrás de uma mulher com uma touca de banho antiga da qual brotam assombrosas flores de borracha. Obedientes, erguemos as mãos. Observo a carne bamba de nossos braços. Tenho a impressão de que o corpo envelhecido toma a dianteira na decomposição, desfazendo-se silenciosamente em seu invólucro.

“Braços acima da cabeça... inspirem... agora para baixo... expirem... empurrando até que eles fiquem retos atrás de vocês... INSPIREM!”

Parece que precisamos nos lembrar de respirar.

A jovem instrutora à beira da piscina tem uma meia-lua de um eriçado cabelo branco ao redor da cabeça e um microfone que desce em frente à sua boca. Olhamos para ela como para uma pessoa salva. Embora agradável e respeitosa, é evidente-

mente uma emissária da boa-nova — um tanto tardia para nós — de que o bem-estar físico conduz à vida eterna.

Tento acreditar na hidroterapia, embora o Senhor saiba que não consegui acreditar em Deus. Quando eu era menina, durante a Primeira Guerra Mundial, meu irmão Oskar escondia um romance — *O idiota* ou *Os Buddenbrooks* — debaixo do livro de orações, na sinagoga, para que o Pai não percebesse. Enfim eu declarei, com a embaraçosa certeza dos treze anos de idade, “O amor forçado ofende a Deus”, e me recusei a ir. Olhando para trás, mesmo então, eu estava discutindo nos termos Dele; como ofender a quem não existe?

E agora, milênios depois, se não tomar cuidado, dou comigo pensando: por que Deus me salvou e não a toda aquela gente? Os crentes? No fundo, minha força e sorte só têm sentido se eu pertencer ao Povo Escolhido. Indigna, mas mesmo assim Escolhida; eu sou a prova duradoura da irracionalidade Dele. Pensando bem, nem Deus nem eu merecemos existir.

“Agora vamos nos concentrar nas pernas, podem usar os braços como quiserem, para se equilibrar”, diz a moça. Jody? Mandy? Meu aparelho de ouvido ficou no vestiário. Eu me pergunto se ele está captando tudo isto aqui e transmitindo para as mães que estão arrancando o calção molhado dos filhos, para o mofo, os pelos pubianos e os misteriosos bolos de papel higiênico não usado no chão.

“Vamos erguer a esquerda e fazer movimentos circulares a partir do joelho.”

Uma sirene solta balidos intermitentes. Vão começar as ondas na piscina grande. As crianças correm-andam na água, mãos erguidas, ansiosas para ficar na frente, onde as ondas são mais altas. As adolescentes verificam discretamente se o sutiã do biquíni vai ficar no lugar; as mães agarram os bebês e também entram para se divertir. Um garotinho com óculos de mer-

gulho vermelhos salta para dentro e fica com água até o queixo. Atrás dele, uma moça esguia, o cabelo caindo em seu rosto com um suave balanço, avança calmamente, as omoplatas se movendo sob a pele como um prenúncio de asas. Meu coração salta: Dora!

Não é ela, claro — minha prima seria mais velha até mesmo do que eu —, mas não importa. Quase todos os dias minha mente dá um jeito de trazê-la de volta. O que diria disso o professor Melnikoff?, eu me pergunto.

A onda chega e o garoto de óculos resvala por cima dela, voltando a boca para o teto em busca de ar, mas é inteiramente tragado. Depois disso desaparece. Então, num ponto distante da piscina, emerge, ofegante e maravilhado.

“Dra. Becker!” A voz da moça lá em cima. “Hora de sair.”

Os outros já estão perto da escadinha, esperando os homens das cadeiras de rodas para serem colocados na rampa. Olho para ela e vejo que está sorrindo. Talvez o microfone lhe dê uma linha direta com Deus.

“A próxima sessão é daqui a dez minutos”, diz. “Então nada de pressa.”

Alguém anda dividindo o tempo em partes desiguais. Por que não escolher uma mensageira de cabelo branco, cheia de ceceios e bondosa?

Bev deixou uma torta de carne de carneiro no congelador, bem coberta com filme plástico. Há um borrifo de pimenta-do-reino na cobertura do purê de batatas e também um quê de compulsório em seu isolamento perfeitamente calculado de porção individual. Então, descongelo um pedaço de *cheesecake* para o jantar — uma das vantagens de morar sozinha —, depois ponho meu coquetel de vitaminas e minerais Berocca num copo longo

para compensar. Preciso ter uma conversa com Bev quando ela chegar amanhã.

Na cama, as cigarras lá fora me fazem companhia — ainda é cedo. Seu coro persuade a noite a chegar, como se precisasse do estímulo delas para se aproximar deste lugar tão claro. *Que noi-ite!*, elas parecem cantar, *que noi-ite!* E depois ficamos em silêncio juntas.

Toller

Duas batidas rápidas na porta — Clara e eu mantemos as formalidades porque as formalidades são necessárias entre um homem e uma mulher que trabalham sozinhos num quarto de hotel, como entre o médico e a paciente em procedimentos mais privados. Nossas formalidades transformam este lugar de sonhos amarrotados — a cortina verde, a bandeja do café da manhã não recolhida, a cama que arrumei às pressas — num local de trabalho.

“Bom dia.” Um sorriso largo nos lábios pintados de vermelho, lábios que de repente parecem íntimos. É o sorriso de uma jovem cuja chama o exílio racial não apagou; que provavelmente foi amada esta manhã.

“Bom dia, Clara.”

Hoje ela está com uma blusa de cetim cor de damasco, de mangas folgadas e com três botões nos punhos — uma cópia barata de um luxo que não dura mais que uma estação e que talvez seja a essência da democracia. “Fina”, como dizem aqui nos Estados Unidos, embora em inglês eu não saiba distinguir uma

poesia de um trocadilho. Traz consigo o ar matinal, recém-cunhado para o dia de hoje, 16 de maio de 1939.

Clara examina o quarto, avaliando o estrago da noite. Sabe que eu não durmo. Pousa o olhar em mim, na poltrona. Estou brincando com um cordão com borla. Seus fios dourados e verdes refletem a luz.

“Eu cuido disso”, diz, avançando. Pega o cordão e prende a cortina.

Mas o cordão não é da cortina. É do penhoar da minha mulher, Christiane. Quando ela me deixou há seis semanas, eu o guardei de lembrança. Ou então foi um ato de sabotagem.

“Nenhuma correspondência?”

Clara a pega na caixa de cartas todo dia ao entrar.

“Não”, responde, o rosto voltado para a janela. Respira fundo, vira-se e vai decididamente para a mesa. Depois vasculha a bolsa, ainda de pé, à procura do bloco de taquigrafia. “Vamos terminar a carta à sra. Roosevelt?”, pergunta.

“Agora não. Talvez mais tarde.”

Hoje tenho outros planos. Estendo o braço e pego minha autobiografia na mesa. Meu editor americano quer publicá-la em inglês. Acha que, com o sucesso das minhas peças na Inglaterra e com o meu circuito americano de palestras, devo vender bem. Está tentando me ajudar, que Deus o abençoe, desde que dei todo o meu dinheiro às crianças famintas da Espanha.

Já não preciso de dinheiro, mas preciso corrigir o relato. Tão certo como eu estou aqui, Hitler terá a sua guerra em breve. (Não que haja quem ligue para isso neste país — seu prelúdio, a invasão da Tchecoslováquia semanas atrás, foi relegado à página treze do *New York Times*.) Mas o que as pessoas não percebem é que a guerra dele tem sido travada contra nós há anos. Já houve baixas. Alguém precisa registrar seus nomes.

Clara está olhando para o Central Park pela janela, esperando que eu ponha as ideias em ordem. Continua de costas para mim e eu pergunto: “Você já leu *Eu era alemão?*”.

“Não. Não li.” Ela dá meia-volta, prendendo atrás da orelha uma mecha solta do cabelo preto.

“Ótimo. Ótimo, ótimo.”

Clara ri — fez doutorado em Frankfurt e tem uma cabeça ótima, pode se dar ao luxo de uma generosa autocrítica. “Não é *nada* ótimo!”

“É, sim.”

Inclina o rosto para mim, as sardas espalhadas nele de forma tão aleatória e perfeita quanto numa constelação.

“Porque eu vou fazer umas alterações.”

Ela aguarda.

“Está incompleto.”

“Era de esperar.”

“Não. Atualizações, não. Alguém que eu omiti.”

Minhas memórias são sutil e vergonhosamente autoengrandecedoras. Eu me coloco no centro de tudo; nunca admiti dúvidas ou medo. (Mas tive a astúcia de falar em crueldades isoladas na infância e em imprudência adulta para criar a ilusão — particularmente em mim — de uma sinceridade cabal.) Excluí minha amada, e agora ela não está em lugar nenhum. Quero ver se a franqueza me é possível nesta última fase do jogo.

Quando abro o livro no colo, as páginas se levantam como um leque, fixadas num ponto central. Os nazistas confiscaram meus diários — é provável que os tenham queimado em suas piras. Só me resta trabalhar de memória.

A jovem se senta à mesa ao meu lado. Faz cinco semanas que Clara Bergdorf trabalha para mim. É uma alma rara, em companhia da qual os minutos inteiros de silêncios são calmos. O tempo não é vazio nem cheio de uma pressão expectante.

Expande-se. Abre espaço para que as coisas voltem e preencham meu coração vazio.

Acendo um charuto e o deixo fumegando no cinzeiro. “Vamos começar pela introdução. Acrescentar esta dedicatória no fim.” Pigarreio. “Eu me recordo de uma mulher a cujo ato de coragem devo a salvação deste manuscrito.” Respiro fundo e olho para o céu lá fora, hoje com uma cor suave, indecisa.

“Em janeiro de 1933, quando deram ao ditador de Braunau poder contra o povo alemão, Dora Fabian, cuja vida acabou...”

Então me interrompo. Clara pensa que estou paralisado pela tristeza, mas não é isso. Apenas não sei como descrever esse fim. No parque, o vento brinca com as árvores, movendo desordenadamente as folhas e os ramos — como se a música tivesse cessado, mas eles, pela mera vida que têm, não pudessem ficar imóveis. Clara arrisca olhar para mim. Fica aliviada ao ver que não estou chorando. (Sou treinado nesse departamento.)

“Desculpe-me.” Volto-me para ela. “Onde eu parei?”

“Dora Fabian, cuja vida acabou’.”

“Obrigado.” Torno a olhar para fora e encontro as palavras. “Tristemente”, digo, coisa que é a mais pura verdade. “Cuja vida acabou tristemente no exílio, foi ao meu apartamento e levou duas malas de manuscritos a um lugar seguro.”

Clara não levanta os olhos. Corre a mão uniformemente pela página, só se detendo momentos depois que eu paro de falar.

“A polícia descobriu o que ela tinha feito e a jogou na prisão. Dora disse que os papéis tinham sido destruídos. Posta em liberdade, ela fugiu da Alemanha e, pouco antes de morrer, tirou os papéis de lá com a ajuda de um nazista desiludido. Ponto final.”

Clara poussa seu lápis.

Só isso? Fecho os olhos.

O traço editorial de Dora está em todo o meu livro: o enfoque perspicaz, o senso de humor. No fim da vida, são os nossos

amores o que mais relembramos, pois foram eles que nos plas-
maram. Crescemos e nos tornamos o que somos em torno deles,
como em torno de uma estaca.

E quando a estaca desaparece?

“Tudo bem então?”, pergunta Clara docemente minutos
depois. Pensa que eu cochilei, que aproveitei sua meiga pre-
sença para pegar no sono. Roça as bordas do bloco à sua frente.

“Sim, sim.” Eu endireito devidamente o corpo na cadeira.

Vou contar tudo. Vou trazer Dora de volta e fazê-la viver
neste quarto.